

... UM PORCO POR 1 \$ DÓLAR ...

É Inverno. Estamos a 15 de Janeiro de há muitos anos. Mesmo muitos. Não sei, mas talvez seguramente, 47 anos; enfim vai para um “ror” deles.

Faz frio. Não chove. A feira está no seu auge! É mais uma daquelas feiras de ano; em que, o Alto de Santo Amaro é pequeno para receber tantos feirantes e compradores dos concelhos vizinhos ao de Estarreja.

A fome aperta e vai de comprar umas *padinhas*, todas enfarinhadas, e vai de dar uma volta à procura do pitéu a introduzir naquele pão quentinho.

Não é difícil encontrar o que comer, a escolha é difícil, mas o cheiro a peixe frito ali para os lados da cabine de alta tensão, leva-nos até lá.

Peixeiras ou “*fritadeiras de peixe*”, com aquelas sertãs de meio metro de diâmetro, todas negras e sebetas dos remanescentes do óleo queimado, ao lume; vão dando a volta a algumas postas de peixe, todas à mistura, mexidas e remexidas pelo enorme garfo de ferro, com dois dentes.

Lá nos aproximamos do telheiro da fritura do peixe; não sem reparar, que ali muito bem perto, uma peixeira vestida de negro, debaixo da saia rodada, deixa uma poça de “água”. Ali bem perto...

Olhámos para o peixe que “nada” no meio da frigideira e optámos por uma posta de solha cada um. Sim porque éramos 3, Eu, o meu Primo Manel *Tarrinca* e o António *Americano*.

Lá vamos com as *padinhas*, e o complemento no seu interior. Só faltava agora um pirolito, que iríamos comprar, pelo que nos fizemos ao caminho para a casa do senhor Francisco “Balões”.

Com a trouxa completa, *assapámo-nos* ali bem perto da Capela do St^o Amaro; não sem primeiro espreitarmos lá para dentro, termos saudado o Santo – à nossa maneira – e começarmos *a dar ao dente* pois a fome era negra; devido, à larga caminhada do centro da Vila até à Feira dos 15.

Soube bem. O peixe estava muito gostoso, devido àquele óleo todo queimado e rançoso; o pirolito refrescou. Só falta fruta...

Vai de dar uma volta a ver o que havia disponível por lá, era tudo muito caro. Pelo que havia de dar uma mãozita, ali por umas peritas, da quinta de uma tia minha.

Não nos fizemos rogados; e como era perto dali do centro da feira, fomos à sobremesa... Gamámos umas peras a Tia Maria Virgem, e regressámos ao mundo do negócio... Ao largo da feira.

Parámos junto da venda da padeira “Vergas” e comprámos um pão doce com 4 bicos; cabendo ao António Americano dois deles, porque era ele, quem estava a pagar.

Comemos o pão doce, e vai de ir ao Joaquim Serralheiro, comprar mais uns pirolitos.

Entrámos, e já dentro da casa do Senhor Joaquim, ouvimos a mula do padeiro da Minhoteira aos pinotes, pois esta se encontrava amarrada a uma das argolas que o Joaquim Serralheiro, tinha chumbada na parede do seu estabelecimento; precisamente, para amarrar ali, as bestas dos seus clientes...

Enquanto bebíamos regaladamente o pirolito, uma das mulas deu mais um guincho; e o Moleiro assomou à porta, e nada viu.

Praguejou prá mula e voltou pró balcão, para virar o seu copo de tinto...

Ela, a mula, volta a guinchar; mas o Moleiro, desta vez, nem se preocupou com o grunhido do animal, e nós regressámos a caminho da Feira.

Mas, afinal a mula não gemia sem razão; pois que era o nosso amigo e parente Hermínio Zacarias, que com a sua pressão de ar, da janela de sua casa, dava umas chumbadas na ancas da mula...

Paramos defronte à casa do Artesão Freitas, que com as suas mãos milagrosas, molda o arame zincado, na sua difícil arte de fazer crivos e peneiras.

Também fazia peças maravilha em folha; sobre tudo, artigos de “menáge” para a cozinha das nossas avós e mães.

Passei ali junto daquela figura simples e enigmática, dias e horas a fio, quando de verão ia para Stº Amaro passar as férias grandes.

O senhor Freitas era um bom homem, e um grande artista.

Nunca esquecerei a sua imagem de homem alto e esguio, com os seus grandes e finos dedos.

A Feira de Stº Amaro ficará para sempre ligada aos crivos e peneiras feitas pelo senhor Freitas, ao pão doce da padeira Vergas e ao peixe frito, feito naquele tipo local, fora do olhar prescutador da ASAE...

O trio da vigairada, do qual eu também fazia parte, dá corda aos sapatos e pára junto da oficina do senhor Manuel Beato; onde este, e um dos seus ajudantes moldam um aro em aço, quase em brasa e o aplicam à roda de madeira raiada, para depois de o mergulharem em água fria, que irá equipar o carro de vacas quase concluído, ali estacionado à sua porta.

E a Feira já vai longa. Paramos em frente ao café do senhor Daniel. E decidimos ir à feira do gado. Mas dinheiro já não havia; a não ser, uma nota de 1 dólar.

Decidimos ir apreçar um leitão. O António Americano, brande da nota de um dólar; enquanto eu pergunto ao “porqueiro”, quanto é que ele quer pelo leitão; não prevendo, que o homem desse troco a um rapaz de 13 anos.

O “porqueiro” olha para o trio; enquanto uma voz de um concorrente seu, lhe diz alto o bom som; - *aceita pá que é dinheiro americano.*

O “porqueiro” coça a cabeça e diz, escolham o leitão; mas primeiro passem para cá a nota e ponham-se a andar.

O meu primo Manel agarra o leitão que está mais perto, e vai daí, toca a correr direito à Vila, antes que o homem se arrependa, ao vir a saber o real valor da nota de 1 dólar.

Corremos, corremos e só parámos na Areosa, à porta da casa do Padre Francisco.

Não sei o que fizemos ao leitão...